

gir que o povo também o cumpra. (*Muito bem*).

O SR. BURLAMAQUI DE MIRANDA (*Para uma comunicação*) * — Sr. Presidente, desejo apenas encaminhar requerimento de informações à Mesa, indagando dos poderes competentes por que motivo não está funcionando até hoje a Agência do Banco do Brasil, em Altamira, Estado do Pará. (*Muito bem*).

O SR. JOSÉ CRUCIANO (*Lê o seguinte discurso*) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Brasília comemorou ontem — no dia do sacrifício de Tiradentes — o terceiro aniversário de sua inauguração oficial. Feliz e oportuna, pois, a iniciativa dos nobres Deputados do Acre, o mais novo Estado da Federação, de consignarem que parte da sessão de hoje da Câmara dos Deputados fôsse dedicada ao evento da mais jovem Metrópole do mundo.

Em nome da representação pesadista nesta Casa por deferência ótima do seu preclaro Líder, Deputado Martins Rodrigues, faço eco às inúmeras manifestações de regozijo que ainda perduram no meio de quantos reconhecem a importância da efeméride.

A honrosa delegação, de que procurarei me desincumbir, recaiu na pessoa de um representante de Goiás, o menos capacitado por certo para o caso, mas também certamente um dos mais entusiasmados admiradores da cidade-revelação.

Idéia mais que secular, discutida em várias épocas, até a exaustão, é de 1891 a 1946, definitiva e constitucionalmente assentada, a interiorização da metrópole brasileira, como Vossas Excelências compreendem, era um imperativo a que não podia fugir a geração atual.

Localizada no centro geográfico do país, no berço comum das águas que vertem para as três maiores bacias do Continente, a

nova Capital irradiará em leque, por todo o Brasil, com uma visão mais alta e mais serena do panorama administrativo, a capacidade produtiva da terra virgem, distribuindo equitativamente a riqueza e apertando o laço federativo a enfeixar os Estados num sentido mais profundo e extenso de brasilidade.

Esta observação já acudia a argúcia de um escritor conterrâneo que dirigira famosa carta ao Marechal Dutra, então Presidente da República, aconselhando-o a vir para Goiás, ao reencontro da terra em que dormem alguns dos seus maiores no campo-santo de Pilar. E jocosamente dizia o poeta Leo Lynce:

“Venha, pois, Presidente.

“Venha, mas trazendo na bagagem a Capital, sem esquecer o cofre, a que aludiu, com a sua proverbial malícia, o inculto Marechal de Ferro, certo de que tudo mais virá de reboque”.

Por mais vontade que tivesse, o ilustre Marechal mato-grossense não veio, deixando passar a outro, ao Presidente Juscelino Kubitschek, a glória de realizar o sonho de Tiradentes, do Patriarca, de Floriano.

Não lhes pretendo debuxar — eu, um humilde trocatintas — toda a história de Brasília, já tantas vezes repetida e magistralmente narrada em livro mais ou menos recente do conterrâneo e nosso colega de representação, Deputado Peixoto da Silveira.

Era compreensível que os goianos fôssem os maiores advogados da mudança. É verdade que aqui e ali, ao longo de nosso processo histórico, repontam as opiniões favoráveis de ilustres brasileiros nascidos em outras províncias. Mas, a exemplo de outros Estados do Oeste e do Setentrião, filho enfeitado que sempre foi Goiás no concerto da família nacional, era compreensível que no Estado me-

* Não foi revisto pelo orador.

diterrâneo brotasse generalizada e profunda conscientização do problema. Não queríamos, como erradamente poderia se supor, apenas nos beneficiar, porque sempre entendemos que a mudança não devia representar uma questão de interesse puramente regional.

A compreensão nossa transcendia as fronteiras egoísticas, pois, no meio da pátria, afogados num isolamento cruel tantas vezes secular, sonhávamos com novas fronteiras e mal podíamos reprimir o desejo de conquista de 2/3 do território brasileiro.

A construção de Goiânia, liderada pelo bravo Interventor Pedro Ludovico, hoje Senador da República, reacendeu em nós o fervor mudancista. Se a capital goiana lançara novas bases na estrutura econômica e social do Estado, que não faria a nova Capital brasileira, como centro irradiador de progresso nas mais diferentes dimensões nacionais?

Admirável sem dúvida a unanimidade do apoio dos meus confraternos à edificação da Obra do Século - Capital da Esperança e o melhor exemplo da surpreendente revelação da capacidade de engenho e de trabalho do povo brasileiro.

Brasília muito deve a essa compreensão, que se tornou histórica. Não fôsse ela, o cometimento talvez não se realizasse de maneira tão estupenda. Registre-se que o traço do heroísmo máximo com que ficou sublinhada a construção de Brasília foi dado por um goiano honorário, Bernardo Sayão, que parecia trazer na sua energia máscula toda aquela determinação dos goianos, no afã de abrir novos horizontes para a nacionalidade. O sacrifício do herói é motivo bastante à revivescência das epopéias, em que devesse aperecer a personagem do predestinado que vislumbrara construir uma via de comunicação, pelas densas florestas amazônicas, ligando o Sul ao Norte do País ...

Seria um nunca acabar a citação, nome por nome, de todos os goianos, que, direta ou indiretamente, concorreram para a criação desta cidade — a única do mundo digna de um artista morar, na expressão de afamado arquiteto estrangeiro que a visitou anos atrás.

Desde os governadores da época atualmente Deputado José Ludovico de Alcida e Senador José Feliciano — o primeiro antecipando-se ao próprio Governo federal, desapropriando as terras, construindo aeroportos e estradas de acesso e o segundo trazendo até aqui a energia da Cachoeira Dourada e outras medidas de indiscutível realce — desde os governadores, repito, até o mais humilde cidadão, houve a mais irrestrita solidariedade ao Presidente Juscelino Kubitschek no excepcional comprometimento, a sua meta-síntese.

Senhor Presidente, Srs. Deputados, dentro da irreversibilidade da mudança da Capital, hoje já do consenso geral, Brasília estava precisando de quem fizesse um balanço da sua vida. Era uma empresa oportuna, a fim de acabar definitivamente com os reiterados propósitos, visando a comprometer-la como o maior fator da nossa aspiral inflacionária e servir de base à programação de novos empreendimentos de que está necessitando, em etapas futuras, para sua definitiva implantação.

O ilustre Senador José Feliciano, nas sessões de 29 de março e de 5 de abril, da Câmara Alta, oferecendo pela primeira vez dados até então desconhecidos e indiscutíveis pela sua legitimidade, pronunciou dois discursos para cujo conteúdo quero pedir a atenção dos Senhores Deputados.

Argumentou o parlamentar goiano que o custo da construção de Brasília, até 31 de dezembro de 1962, expresso em 63 bilhões de cruzeiros, era inferior ao déficit anual da Rede Ferroviária e da Marinha Mercante do Brasil. Afirmou, ainda, o Senador goiano, que

23.^a SESSÃO, EM 22 DE ABRIL DE 1963

407

as inversões imobiliárias dos órgãos da Previdência Social, Banco do Brasil etc., de alta rentabilidade, não iriam além de outros 65 bilhões de cruzeiros.

As despesas de construção da cidade propriamente dita, incluindo aquisição e limpeza do terreno, projetos urbanísticos e arquitetônicos, arruamentos, pavimentações etc., naquele montante de 63 bilhões de cruzeiros ou, para ser mais exato, Cr\$ 63.015.727.863,00, estão divididos da forma seguinte:

a) Cr\$ 36.418.176.631,10 no período 1956-1961 (Governo J.K.);

b) Cr\$ 7.944.208.451,40, entre 1-2-1961 a 25-8-1961 (Governo Jânio Quadros);

c) Cr\$ 18.653.342.781,10, de 26 de agosto de 1961 a 31-12-1962 (Governo J.G.).

Gostaria de oferecer, discriminadamente, aos Sr. Deputados a aplicação que se fez do montante há pouco citado:

	Cr\$
Edifícios públicos	10.607.335.000,20
Edifícios diversos	10.662.037.029,40
bens de servidão pública	11.981.144.901,40
Obras de arte	4.591.044.204,90
Água e esgotos	4.728.357.874,90
Fôrça e luz	4.247.992.410,30
Rêde telefônica	2.001.577.725,60
Equipamentos	1.308.509.809,10
Rêde ferroviária	4.304.336.628,80
Rêde rodoviária	1.509.424.874,20
Plano hospitalar	1.978.083.119,10
Plano educacional e assistencial	816.490.635,70
Móveis e utensílios	533.977.354,30
Desapropriação de terras	119.510.122,10
Granjas e sítios rurais	612.706.033,00
Pagamentos exteriores	3.007.199.954,60

Mas o senador mostrou como o Congresso tem sido omisso na sua função de legislador para Brasília, relacionando cerca de 30 projetos de leis pendentes de apreciação pela Câmara, a partir de 1960.

O Sr. Magalhães Melo — Podia V. Exa. dizer o total dos investimentos até agora feitos em Brasília?

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Pois não. Exatamente Cr\$ 63.015.727.863,60 exclusive as aplicações dos Institutos de previdência, Banco do Brasil etc.

O Sr. Magalhães Melo — Porque se não me falha a memória há cerca de dois meses, tive oportunidade de ler no jornal "O Globo" alguns comentários sobre os investimentos totais feitos nesta cidade, e creio que eles orçavam pela ordem de 150 bilhões de cruzeiros.

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Talvez o nobre Deputado tenha visto um dado geral da aplicação feita pela NOVACAP pelos Institutos etc.

O Sr. Magalhães Melo — O comentário alinhava várias outras cifras o que me pareceu terem sido colhidas em documentos oficiais.

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Aliás esses dados que eu ofereço tirados do discurso do Senador José Feliciano Ferreira foram fornecidos pelo Tribunal de Contas, portanto, indiscutíveis como disse pela sua legitimidade.

O Sr. Magalhães Melo — Comentava ainda o jornal "O Globo" que ao contrário do que se dizia no início da construção de Brasília — que era uma cidade auto-financiável pela valorização dos seus terrenos — apenas 7% das despesas seriam cobertas pelo que até então se arrecadará em venda de glebas nesta região. Por isso estranhei alguns dos dados expostos agora da tribuna. Admira-me se acuse tanto o Congresso de ser omisso nisso e naquilo, quando a meu ver ele está cumprindo a sua missão sob todos os aspectos. Oscar Niemeyer o eminente arquiteto que deu sem dúvida o concurso da sua inteligência à construção de Brasília, ontem pelas colunas

do jornal "A Critica" atacou rudemente o Congresso Nacional nestes termos breves que pediria licença a V. Exa. para ler: "Não acredito que Brasília tenha inimigos. Existem certamente, pessoas que não se adaptam à vida simples quase provinciana que a Capital por enquanto oferece; e outras que ainda não se convenceram de que Brasília é cidade em construção e, como tal deficiente de alguns serviços. Lamento apenas os que alheios aos problemas básicos do País — Reforma Agrária por exemplo — fazem do Parlamento uma tribuna contra a nova Capital ameaçando-nos com o seu incrível provincialismo. A esses responderemos no momento oportuno esclarecendo o povo sobre as suas incompreensões e verdadeiros objetivos".

Não sei de homens que sofram mais nesta Brasília, apesar dos méritos que procederam sua construção do que os 500 congressistas que para aqui convergem de todas as partes do Brasil e aqui ficam quase durante todo o ano sem meios suficientes de publicidade desligados quase completamente dos seus Estados onde a correspondência não chega senão com atraso de um mês ou 15 dias; sem telex, sem microondas, dando enfim, uma cota de sacrifício de seu patriotismo para que esta cidade se consolide. Não sei como um homem do gabarito intelectual e técnico do Sr. Oscar Niemeyer faz uma acusação ao Congresso cujo edificio êle construiu dentro das linhas e condições mais antifuncionais que se conhecem. Vossa Excelência que acaba de chegar para dar o concurso de sua inteligência na elaboração das leis de que o Brasil necessita verá que já se cogita construir aqui perto um edificio para que a biblioteca e outros departamentos nossos ali funcionem em condições mais eficientes com relação à nossa atividade no plenário. No Rio de Janeiro a biblioteca do Congresso se encontrava a dois passos do plenário, e os

Deputados que ali estivessem quando soavam os tímpanos andavam uns 10 metros e atendiam ao chamado da Mesa. Hoje precisamos andar quilômetros para chegar à Biblioteca ou outras sessões da Casa. Parecemos que não houve na realidade, um programa de arquitetura onde se procurassem sentir as necessidades reais da Câmara e do Senado para então construir-se o seu prédio.

Queria apenas dizer ao Senhor Oscar Niemeyer que foi profundamente injusto. Ele nem sequer mora em Brasília, e aqui estamos com sacrifício para dar nossa colaboração embora modesta à consolidação desta Cidade.

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Senhor Deputado não posso ratificar os termos dessa crítica do arquiteto Oscar Niemeyer a todos os Congressistas. Mas discordo de Vossa Excelência ao afirmar que ocorre aqui entre nós, um sofrimento assim tão cruel. O sofrimento seria o mesmo se este Congresso ainda funcionasse na antiga Capital, o Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (*Aniz Baidra*) — A Mesa chama a atenção do nobre orador Restam-lhe apenas cinco minutos. Há ainda um requerimento de homenagem.

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Disse também o Senador José Feliciano haver a NOVACAP se tornado proprietária exclusiva de 80% da área do Distrito Federal deixando-a abandonada e inaproveitada quando aqui deveria ter início a grande reforma agrária que todos ambicionamos mas de cuja realização alimentamos dúvidas.

EXPLORAÇÃO RURAL

Coube ao Governo de Goiás efetuar a desapropriação das terras do Distrito Federal, compreendendo 5.800 quilômetros quadrados ou seja, cêrca de 119.000 alqueires geométrico (alqueires de 48.400 m²). O trabalho de cate-

quese junto aos proprietários convencendo-os de que a grandiosidade da obra estaria a exigir cooperação de todos levou-os a aceitar uma indenização irrisória pelas suas terras traduzidas em Cr\$ 800.00 por alqueire geométrico. E assim, perto de 80% da área foi desapropriada.

O Conselho de Administração da NOVACAP pela Resolução n.º 6 da lavra do então Conselheiro Barbosa Lima Sobrinho regulou o aproveitamento através de arrendamento dos lotes a serem distribuídos aos agricultores. Seria uma experiência salutar para uma reforma agrária mais ampla.

Mas, o que vimos?

Os antigos proprietários entregaram as terras que seus familiares vinham ocupando há mais de 200 anos num milagre de fixação que constitui uma das páginas mais admiráveis da nossa história.

FÔRÇA E LUZ

Temos assim o Departamento de Fôrça e Luz da Novacap responsável por um dos setores de maior importância na vida da cidade. Sem autonomia administrativa e o que é mais importante no caso com a sua contabilidade centralizada na empresa sem sequer poder cumprir as exigências legais, que impõem normas especiais para as entidades que exploram serviços do gênero. A simples aquisição de materiais urgentes fica sujeita a regimes burocráticos insuportáveis para uma atividade que deve revestir-se da máxima eficiência.

A ausência de relativa liberdade de administração de um lado e a impossibilidade de orientar-se por um planejamento rigoroso de expansão de outro lado muitas vezes, são as causas da ineficiência dos serviços não obstante a dedicação de uma equipe de engenheiros e funcionários de primeira ordem.

Dai perguntamos: Por que motivo não foi cumprida, até hoje, a decisão da Assembléia Geral da Novacap, de 1.º de setembro de 1960, que autorizou a criação de uma subsidiária para exploração dos serviços de energia elétrica de Brasília de que a Novacap é concessionária? Por que não se interessou a participação da Eletrobrás na nova empresa, ela que já é acionista da Centrais Elétricas de Goiás S.A. e da Centrais Elétricas de Minas Gerais S.A., tendo, assim melhores condições para assegurar a cooperação mútua entre as detentoras dos sistemas de produção de energia capaz de proporcionar suprimento regular de eletricidade no Distrito Federal?

ÁGUA E ESGOTO

O Departamento de Águas e Esgotos da NOVACAP possui serviços tecnicamente considerados de primeira ordem.

O sistema de recalque de água no Ribeirão do Torto: a moderna estação de tratamento, ao lado do Cruzeiro; os reservatórios ali existentes, tudo funciona com rara eficiência. Como eficiente é o serviço de esgotos sanitários, cuja estação de tratamento, às margens do Lago, é das mais modernas do mundo, de fabricação inglesa. O Departamento que a opera, porá em funcionamento, em abril próximo, também a estação de tratamento de lixo domiciliar coletado em Brasília. A sua capacidade é de 40 toneladas diárias, constituindo verdadeira fábrica de adubos, de que tanto carece o Distrito Federal.

A reestruturação do Departamento, como dos demais setores atrás mencionados, é tarefa urgente para a qual pedimos a atenção.

Os dois discursos trazem elementos de primeira ordem à meditação dos Senhores Deputados e as revelações nêles contidas indicam êsses sintomas de relaxamento das atividades governa-

mentais, que vem caracterizando a administração, nos últimos tempos.

É deveras impressionante a diferença da nossa situação em 1960 e nos dias de hoje.

Naquele ano, sacudiamos os fundamentos do País, trazendo para o interior a Capital Federal. Vencíamos a Floresta Amazônica em dois pontos com a penetração das estradas Brasília-Acre e da Brasília-Belém. Ligávamos pela Brasília-Fortaleza, o Nordeste às áreas úmidas do Oeste. Concentrávamos o maior conjunto rodoviário já reunido na América Latina para a abertura da BR-2 no trecho São Paulo-Curitiba. Com o Orós dávamos novo impulso à açudagem do Nordeste: Três Marias e Furnas eram levantadas a todo vapor; Ampliava-se a usina de São Francisco. Volta Redonda mantinha acesos dia e noite, os seus fornos e erguíamos Cosipa e a Usiminas; a Petrobrás vencía a barreira dos 100 mil barris diários na extração do petróleo; a refinaria Presidente Bernardes entravam na sua fase de atividade plena e a de Caxias era posta em funcionamento.

A indústria automobilística jogava no mercado, cada dia, centenas de novos veículos. A indústria de tratores iniciava as suas atividades e a de construção naval surgia promissora e forte; a navegação aérea entrava na era do jato e, através de vários continentes, as modernas aeronaves levavam a bandeira do Brasil. O nosso meio circulante girava, então em torno de 170 bilhões de cruzeiros.

O Sr. Odorico Santos — Quero associar minhas palavras às deste ilustre companheiro de banca e dirigir apêlo àqueles que têm pugnado pela volta de alguns órgãos do Poder Federal para a antiga Capital, hoje Estado da Guanabara. A esses retornistas, a esses que não conseguem viver senão nos ambientes enfumaçados das boites de Copacabana, a esses que

não conseguem viver sem os aca-lantos e as caricias do sol das praias cariocas, dirijo um apêlo: deixem Brasília em paz, cumprindo o seu grande destino, fator preponderante que é da unidade nacional e o único caminho para a conquista do interior brasileiro.

O Sr. Benjamin Farah — Não queria interromper V. Exa. ao ensejo de oração tão interessante e que merece os nossos louvores e, mais ainda, os daqueles que votaram em V. Exa. no Estado de Goiás. Mas, como representante da Guanabara, não esposo inteiramente a sua tese. Acho que a Capital não ficou bem localizada aqui.

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Opinião de V. Exa.

O Sr. Benjamin Farah — A pressa, o açodamento não permitiu se dessem a Brasília condições para ser realmente uma Capital. Não discuto a volta nem a permanência. Um colega aqui diz que os que freqüentam boites querem que a Capital volte para o Rio. Embora representante da Guanabara, nunca entrei numa boite. Na minha opinião, vamos muito mal. V. Exa. que está fazendo um belo discurso, podia inserir nêle medidas que visem tornar Brasília uma Capital de fato. Ninguém desconhece que, para se locomover daqui para São Paulo, para o Rio ou para qualquer outro Estado, luta-se com dificuldades sem conta. Qualquer cidadezinha do interior dispõe de estrada de ferro; mas Brasília, não. Ainda mais: o comércio aqui funciona livremente. Vamos, então, fazer com que esta população possa viver com dignidade, ter comunicação daqui para outras cidades e tornar Brasília, realmente uma Capital. Não vamos discutir o retôrno, que já está superado. Não fui favorável à mudança para êste Planalto, embora a classe que a Capital deveria sair do Rio de Janeiro. Agora, porém, o fato já está consumado. Vamos

então, em vez de ficarmos nestas ladainhas exigir que as autoridades consolidem Brasília; vamos impedir que o comércio aqui e as empresas de aviação façam com que a Capital se torne uma cidade isolada.

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Vossa Excelência pode contar com o apoio de toda a bancada de Goiás para um trabalho de dinamização, junto aos Podêres Executivo e Legislativo, a fim de acabarmos de implantar de forma definitiva, esta bela Capital.

O SR. PRESIDENTE (*Aniz Baudra*) — A Mesa informa ao nobre orador que seu tempo está esgotado.

O SR. JOSÉ CRUCIANO — Senhores Deputados, permitam-me concluir.

Senhor Presidente, Srs. Deputados, já se vai tornando um truismo falar em reformas, tantos são e tão controvertidas as opiniões. Não desejamos tocar nelas.

Ainda numa das sessões, passadas estêve nesta Casa o ilustre Ministro Amaral Peixoto, que deu conta aos Srs. Deputados do andamento da reforma administrativa. Entre outras considerações, insistiu na conveniência de adaptar a máquina burocrática federal às condições da hora presente, no momento em que o Executivo e Legislativo decidiram dar nova estrutura à ordem econômica e social do País.

Como Capital Federal, Brasília deve constituir de fato o cérebro a comandar toda a aparelhagem administrativa, de modo constante e eficiente.

Para que ela seja realmente esse imenso painel de comando e controle urge que o Executivo e o Legislativo compreendam a necessidade de lhe oferecer todas as condições, visando à sua integral concretização.

Senhor Presidente, Srs. Deputados, ao fim de minha oração, desejo ler aos Senhores talvez o primeiro poema sobre Brasília.

Foi escrito em 1950 e o seu autor, Leo Lynce, morria em 1954, sem ter a ventura de pelo menos sentir que o problema mais do que secular iria ser seriamente equacionado. O mais interessante contudo é que os poetas muitas vezes são profetas. Observem como o bardo goiano vislumbrara a cidade dos seus sonhos, que o gênio de Lúcio Costa e Niemeyer conceberam e a determinação de Juscelino implantou nos altiplanos da Serra Geral.

BRASÍLIA

Sonho de glória da Inconfidência — visão profética do Patriarca.
Flor de luz desabrochada no Planalto,
para aclarar os rumos das novas gerações.

É o gigante pela própria natureza, que se levanta do leito esplêndido, apruma o busto e vai marchar.

Brasil triunfante, de cabeça erguida,
para que as idéias venham de mais alto.

Brasília — cidade vernal — brasa em que arde o cívico incenso dos corações no altar da pátria.

Lampadário estelar de vinte e sete focos,
projetados sobre outras tantas partes do todo imenso.

Berço comum das águas das bacias do Amazonas, São Francisco e Prata.

Encruzilhada de todos os caminhos;

símbolo da unidade nacional; marco central da América do Sul. Cidade tabernáculo,

nascida sem mácula da terra virgem.

Brasília — imagem do Sol!

Senhores Deputados: glória aos que fizeram e fazem a grandeza da Pátria comum.

Era o que desejava dizer. (*Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado*).